

TEATRO
NOVOS TEXTOS

**PAIXÃO E MORTE
DE MATEUS ÁLVARES**

José Jorge Letria

INATEL

1992



PAIXÃO E MORTE DE MATEUS ÁLVARES

José Jorge Letria

2.º CLASSIFICADO NO CONCURSO
TEATRO NOVOS TEXTOS 1991

PERSONAGENS:

Mateus Álvares (*jovem, menos de 30 anos, cabelo e pele claros*)

Pedro Afonso (*homem de meia idade*)

Diogo da Fonseca (*homem de meia idade*)

Voz-off

António Simões

Camareiro

Homem

Mulher

Rainha (*jovem, mulher de Mateus Álvares*)

Emissário (*muito jovem*).

A acção da peça decorre em fins de Maio e princípios de Junho de 1585, tendo como eixo o apoio popular dado, na vila da Ericeira, a um homem de nome Mateus Álvares, ex-eremita, que se fazia passar por D. Sebastião, servindo-se da semelhança física com o monarca morto nos campos de Alcácer-Quibir.

Em torno do impostor, cujas convicções vão enfraquecendo à medida que se aperta o cerco movido pelas autoridades de Lisboa, movimentam-se personagens como Pedro Afonso, seu sogro, António Simões, proprietário rural que dá credibilidade à impostura dizendo que se lembrava de ver passar o rei à sua porta antes do desaire da expedição militar ao Norte de África, pelo que podia confirmar a sua identidade, e sua mulher, designada na trama dramática apenas por Rainha.

Toda a acção política e militar de cerco aos impostores, fortemente apoiados pela população, é conduzida pelo corregedor Diogo da Fonseca, magistrado ao serviço dos espanhóis, que já havia dado provas de eficiência e de capacidade de intervenção no caso do impostor, que ficou conhecido pela designação de Rei de Penamacor.

O espaço em que se desenrola a acção dramática é marcado por um quase total despojamento, que contrasta com a densidade da linguagem poética. Devem predominar os tons sombrios da tragédia anunciada, vendo-se apenas, como referência simbólica, um trono de madeira pobre e ainda uma janela, única via de contacto do rei-impostor com a realidade circundante. Por esse espaço que é, ao mesmo tempo, sala de trono, sala do Paço onde se maquinam as acções repressivas e caminho de chegada e de partida,

circulam personagens dominadas pelos jogos desconcertantes e complexos do poder e do contra-poder.

É intenção do autor acentuar o registo anti-epopeico do texto, que não pretende ser instrumento de nenhuma moral colectiva nem de nenhuma mística mais ou menos patrioteira.

Nota final: o ritmo da acção torna recomendável que o espectáculo seja feito sem intervalo.

Mateus Álvares — Avanço perigosamente para um trono talhado na névoa, escavado na sombra. O meu poder é precário, quase nulo, porque reino sobre coisa nenhuma e o território do meu mando é escarpado e ermo, como se fosse um deserto à boca do mar. Tenho coroa, ceptro e súbditos, mas falta-me ver reconhecida a legitimidade do meu mando. Só no Paço, em Lisboa, alcançarei esse desígnio. Para onde me encaminho não sei, que os meus passos, apesar da luz forte que me ilumina e traz em si as mais desejadas revelações, são por vezes inseguros, titubeantes. Reino sobre as falésias, sobre os rochedos altos que se inclinam sobre as ondas e sinto uma sede insasiada de infinito. A minha plenitude há-de ser a minha perdição. Do Altíssimo me vem um poder que não cabe nas palavras e só me traz desassossego e inquietação, quando é, afinal, a paz que busco. Mas não a tenho, não a encontro. Há lá fora vozes que clamam pela minha presença. Tenho exército, generais e mensageiros, rainha e pagens, conselheiros e nobres e, contudo, é somente na solidão que encontro companhia, a mesma que tinha nas celas sombrias do convento de São Miguel e do convento de São Pedro de Alcântara. É a minha tez clara, a cor de trigo dos meus cabelos revoltos que me dá esta trágica semelhança com o rei que nunca voltou. Eu mesmo me interrogo: serei eu o rei? Será que a ficção que tecí em torno das minhas crenças e dos meus sonhos fez de mim um rei autêntico, credível, legítimo, eterno? E na crença dos outros que hoje se fortalece a minha crença. E cada vez se dilata mais o seu número. Chegam de todos os lugares em redor com pedidos de benesses, de títulos, de milagres, de armas para lutar, de bençãos e de terras. E tenho tanto e tão pouco para lhes dar. Tenho as palavras, os sonhos, os delírios e as promessas que, na minha boca, ganham o fulgor do lume, o tom febril das coisas divinas. Extinga-se esta luz que me ilumina e estará traçado o destino do meu mundo. Neste momento sou rei e sinto-me rei.

(Mateus Álvares deambula pela cena, retomando, por fim, lu-

gar no seu trono. Entra em cena Pedro Afonso, com bizarro uniforme militar).

Pedro Afonso — Não cessa de aumentar, Majestade, o número dos que se querem juntar ao nosso exército para ver dilatada a força que já somos dentro desta pátria usurpada. Chegam de todos os lugares, camponeses uns, peregrinos outros, e trazem chuchos e varapaus, punhais e machados. A pobreza é o que quase todos têm em comum, mas o que lhes falta em haveres sobra-lhes em fé na nossa causa. Sob as minhas ordens e a vossa bandeira estão dispostos a verter o sangue pela reposição no trono daquele que é o seu legítimo ocupante.

Mateus Álvares — Cativa-me, bem o sabes, o calor das tuas palavras inflamadas pela crença, mas temo que seja ainda cedo para lançarmos essas boas almas numa guerra para a qual não estamos por enquanto preparados.

Pedro Afonso — Compreendo, Majestade, os vossos receios, que só podem ser ditados pela prudência que sempre acompanha um homem de Estado, mas não deveis subestimar a capacidade de lutar destes homens que já sofreram no corpo sevícias, agruras e fomes. Alguns combateram a meu lado nas fileiras de D. António, Prior do Crato. São homens de uma imensa bravura, para quem nada se joga ou se decide fora do destino da pátria. Podemos, pois, contar com eles e com a sua coragem de soldados e de homens de bem. Nasceu para eles um novo sol quando lhes chegou a notícia de que o seu rei tinha sobrevivido ao massacre de Alcácer-Quibir. Foram engrossando, ao longo dos caminhos, o contingente da nossa esperança e hoje estão connosco, aqui na Ericeira, para vos levarem em triunfo até ao Paço, em Lisboa, e para darem ao vosso mando a força incontestada de uma lei. (Pausa) Estão lá fora e esperam que assomeis à janela com uma palavra de confiança e de estímulo.

Mateus Álvares (encaminhando-se para a janela) — Não os farei esperar. (Falando para o exterior, depois de ouvir vozes de aclamação) Que palavras usarei para vos mostrar gratidão pela bravura que demonstrais? Não vejo em vós somente o exército de um rei que luta para ver reposta a legitimidade do seu mando; vejo em vós, também, a força generosa de uma pátria que recusa a usurpação e a fala estrangeira de quem a quer ver vencida e acoorada, submissa e humilhada (aclamações). Longo foi o caminho que percorri até chegar a esta terra, onde encontrei acolhimento

e paz para me refazer da mágoa da derrota. Ainda trago nos ouvidos os ecos da batalha, o fragor da contenda interminável, os gritos dos homens e o troar dos canhões. Tudo isso me fere a memória e faz renascer em mim a vontade de começar de novo com as forças que Deus Nosso Senhor quis agrupar em meu redor, sob o comando do meu general Pedro Afonso (aclamações). Sei que há, entre vós, jovens e velhos, ricos e pobres, gente de muitos lugares e de variadas crenças e sei também que só um sonho vos une: o de verem no trono de Portugal um rei que use a mesma fala que vós e que tenha no sangue o fogo das grandes, das imortais convicções (aclamações). Para aqueles que chegam exaustos da jornada, cobertos de poeira, com os pés em chaga e o corpo alagado de suor, recomendo repouso e mesa farta, que os dias que se avizinham serão árduos e esgotantes. Em breve nos voltaremos a ver (aclamações).

(Mateus Álvares e Pedro Afonso retiraram-se. Vem à boca de cena o corregedor Diogo da Fonseca que, depois de uma prolongada vénia, presta contas do inquérito que realizou perto da Eriçeira).

Diogo da Fonseca — Trago-vos, senhores, notícias da agitação que vai por aquelas terras inflamadas pela palavra e pela presença de um homem de nome Mateus Álvares, que se faz passar pelo falecido D. Sebastião. Quereis saber quem é? Pois dir-vos-ei que não passa do filho de um talhador de pedra da cidade da Praia, na Ilha Terceira. Apurei, nas indagações que fiz e de que agora vos dou conta, que ingressou no Convento de S. Miguel e que depois de uma apagada iniciação religiosa se juntou aos frades de S. Pedro de Alcântara. Depois do noviciado, fez-se eremita e encontrou abrigo numa zona escarpada, junto ao mar, perto da Eriçeira.

Voz-off — Pede-nos o arquiduque Alberto, nosso senhor, que saibamos de vós o seguinte: como foi que um pobre e desconhecido eremita conseguiu impor com tal vigor a sua impostura?

Diogo da Fonseca — Com extrema habilidade e persistência, senhores.

Voz-off — Como assim?

Diogo da Fonseca — Deu-lhe em primeiro lugar credibilidade a sua semelhança física com o falecido soberano tombado em Alcácer-Quibir. A idade é sensivelmente a mesma e o cabelo e a pele são claros. Apurei no local que, a princípio, Mateus Álvares

não estava muito seguro no desempenho do seu novo papel, de tal modo que desencorajou seguidores e tentou desarticular o movimento gerado em torno da sua figura.

Voz-off — E como foi que esse movimento desapontou e ganhou força?

Diogo da Fonseca — Também esse facto pode ser explicado, senhores. Para tanto contribuiu um abastado proprietário rural, António Simões chamado, que assegurou à população ser aquele o soberano desaparecido, pois muitas vezes o havia visto passar a cavalo junto às suas terras, a caminho das coutadas onde costumava caçar o javali, o veado, a lebre e a raposa. Valeu a garantia dada por António Simões para que essa pobre gente convertesse o seu desejo secreto numa crença indesmentível.

Voz-off — Quereis com isso dizer que o aparecimento deste impostor corresponde a um anseio da população?

Diogo da Fonseca (inseguro) — Não foi bem isso, senhores, o que pretendi dizer. O que se passa, na realidade, é que houve muito quem incutisse nessa pobre gente, servindo-se do púlpito e da conversa de albergaria, a convicção de que D. Sebastião se encontra vivo e que é imperioso trazê-lo de volta ao paço. Foi isto somente o que eu quis dizer.

Voz-off — Adiante.

Diogo da Fonseca — Mas houve mais, senhores. Avolumaram-se as vozes dos que asseguravam ter visto e ouvido o impostor, no seu eremitério, noite alta, a vergastar-se e a gritar em tom febril: «Portugal! Portugal!» E mais vi eu, senhores, nesta viagem que fiz pelas bandas da Ericeira.

Voz-off — O quê exactamente?

Diogo da Fonseca — Verifiquei, senhores, que o impostor e aqueles que o rodeiam, a começar por um tal Pedro Afonso, proprietário de uma quinta em Rio de Mouro, gozam de um real e preocupante apoio popular. O que dá pelo nome de Pedro Afonso foi combatente nos batalhões populares do Prior do Crato e terá ganhado aí a experiência militar de que hoje faz uso para arregimentar e preparar homens de armas.

Voz-off — Quereis com isso dizer que o impostor dispõe de um exército?

Diogo da Fonseca — Precisamente, de um exército, indisciplinado é certo, mas nem por isso menos perigoso e digno de atenção por parte das autoridades do reino. Esse exército, conforme